
Linguagem gráfica na construção da narrativa visual das reportagens¹

Juliana LOTIF²

Universidade Federal do Cariri, Juazeiro do Norte, Ceará
Universidade de Lisboa, Lisboa, Portugal

RESUMO

Os recursos gráficos oriundos da linguagem visual estão presentes nas reportagens veiculadas em mídia impressa e digital. Partindo dos pontos comuns entre o Jornalismo e o Design da Informação, o presente trabalho, através de pesquisa exploratória e de demonstrações de uso, apresenta dois modelos de aplicação da linguagem gráfica para responder às perguntas-chave da organização do texto jornalístico: Quem/o quê?; Quanto?; Onde?; Quando?; Como?; e Por quê? O objetivo é incrementar o repertório dos jornalistas com o intuito de promover maior variedade de estratégias de narrativa para os acontecimentos nas reportagens. Conclui-se que o uso deliberado da linguagem gráfica nas reportagens pode contribuir para um texto jornalístico com maior diversidade visual e informacional.

PALAVRAS-CHAVE: Reportagem; Design da Informação; Linguagem Gráfica; Representação Visual.

INTRODUÇÃO

O Jornalismo e o Design da Informação desenvolvem suas atividades de acordo com uma base comum: a transformação de algo que está na sociedade em informações de utilidade e relevância para as pessoas, sejam elas chamadas de leitores ou de usuários. Lançando mão da ideia de que o jornalismo sempre mudou suas práticas e seus produtos de acordo com a evolução das tecnologias comunicacionais, a partir dos anos 2000 e especialmente em 2010 com o surgimento dos dispositivos móveis, ocorreu uma mudança no contexto de veiculação e consumo de informações jornalísticas. Esse cenário de mudanças no jornalismo, que se estende até os dias atuais, também se projeta como um momento oportuno para mudar a forma de produzir a informação jornalística, mais especificamente a reportagem, com recursos como o texto verbal, o audiovisual, a fotografia ou os esquemas (gráficos, tabelas, mapas e infográficos, por exemplo). Neste sentido, a linguagem visual e mais especificamente o Design da Informação dispõem de

¹ Trabalho apresentado no GP Produção Editorial, XXI Encontro dos Grupos de Pesquisas em Comunicação, evento componente do 44º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² Doutoranda em Design pela Universidade de Lisboa. Professora de Comunicação Visual no curso de Jornalismo da Universidade Federal do Cariri.

repertório teórico-conceitual e de ferramentas práticas que auxiliam na conversão de dados obtidos na apuração jornalística em informações compreensíveis para o público.

O estudo apresentado aqui faz parte de uma pesquisa de doutoramento em Design que investiga as relações entre Jornalismo e Design da Informação na construção de reportagens. O objetivo do artigo é apresentar duas possibilidades de resposta para as perguntas-chave da organização do texto jornalístico visando munir os jornalistas de conhecimento sobre as possibilidades da linguagem visual no intuito de diversificar as estratégias de narrativa nas reportagens. Através de uma metodologia de base qualitativa, foi feita uma pesquisa exploratória nas duas áreas de estudo e foram coletados exemplos de representações gráficas aplicadas a reportagens jornalísticas veiculadas em mídia impressa e digital em três jornais brasileiros nos últimos cinco anos.

JORNALISMO E DESIGN DA INFORMAÇÃO

Na realidade de várias redações hoje em dia, tanto naquelas integradas como nas nativas digitais, os jornalistas produzem informações para publicação multimídia e/ou multiplataforma o que exige do profissional alto grau de dinamismo e pluriformidade (DEUZE & WITSCHGE, 2015). Assim, é comum a produção ou o gerenciamento por parte do jornalista dos vários formatos e elementos presentes nas reportagens tais como: texto verbal, áudios, vídeos, fotografias e esquemas gráficos. Para tanto, este profissional deve conhecer as possibilidades que cada mídia oferece como forma de gerar conteúdos adequados e diferenciados explorando as potencialidades de cada meio.

A palavra escrita ainda é a principal estratégia de narrativa para os acontecimentos presentes nas reportagens produzidas da contemporaneidade. Porém, a predominância da palavra não é condizente com a diversidade de possibilidades de narração que o jornalista dispõe para o texto através do formato reportagem. Especialmente no âmbito do Jornalismo Pós-Industrial levando em consideração a disponibilidade de recursos técnicos, tecnológicos e midiáticos contemporâneos.

Este formato pode ser definido como “o relato ampliado de um acontecimento que já repercutiu no organismo social e produziu alterações que são percebidas pela instituição jornalística” (Marques de Melo, 2009 p. 49). Na reportagem, o jornalista encontra rotina e espaço diferenciados na publicação permitindo maior experimentação e possibilitando a integração de outros profissionais no seu processo de construção e veiculação.

Segundo Oliveira e Seixas (2011), a reportagem traz um aprofundamento maior da realidade e possui “além do texto principal, infográficos, imagens, box e cronologia dos fatos” (OLIVEIRA E SEIXAS, 2011, p.03). Nela também são trazidos à tona os saberes prévios em relação ao tempo e ao espaço dos acontecimentos, fazendo conexão entre fatos e explicando uma situação. Para Santos (2020) as reportagens são valorizadas pela sua narrativa textual, como objeto de pesquisa e relato descritivo, analítico e interpretativo, associada a elementos visuais criando uma narrativa visual jornalística.

Em sua produção, os jornalistas acionam saberes que ultrapassam os limites das instituições jornalísticas e as barreiras geográficas tais como: o saber de reconhecimento, o saber de procedimento e o saber de narração (TRAQUINA, 2005). Aqui interessa o saber de narração que “consiste na capacidade de compilar todas as informações e ‘empacotá-las’ em uma narrativa noticiosa, em tempo útil e de forma interessante” (TRAQUINA, 2005 p. 43). Também faz parte do saber de narração as regras estilísticas da linguagem jornalística que permitem o reconhecimento do texto por parte do público. O autor afirma que o saber de narração constitui um esqueleto sobre o qual é colocado o conteúdo de uma nova história.

Porém acredita-se que, para gerar conteúdos mais diversificados na reportagem, é preciso mudar a relação entre os profissionais nas redações e também a visão presente no jornalismo sobre o campo do Design. Muitas vezes, a relação entre as áreas se limita aos aspectos do Design Editorial, na aplicação do projeto gráfico, ou na elaboração de infográficos. No contexto do jornalismo, é comum citar o jornalista como o produtor de conteúdo e o designer como alguém que vai dar forma ao conteúdo.

No entanto, compreende-se que “a forma não deve ser entendida como um desfoque do conteúdo, mas um modo de estruturar a realidade, tornando a atividade do designer um processo ativo de en-formar o mundo” (SOUZA et al., 2016 p. 108). Ainda para os autores, a forma é um modo de estruturar a realidade o que torna o designer um ator político. Cardoso (2016) afirma que a palavra “forma” em línguas latinas tem um significado demasiado genérico, o que causa confusões. Segundo o autor é preciso desmembrar o termo em no mínimo três aspectos: a) aparência – o que se vê de pronto; b) configuração – o arranjo das partes que compõe a informação e c) estrutura – os elementos constituintes.

Já na visão do filósofo Vilém Flusser (2007) os artefatos possuem duas dimensões: a configuração material e a capacidade de mediar relações, ou seja, uma dimensão formal

e uma dimensão informacional. Para Barnhurst (2001), a forma de um veículo noticioso inclui os aspectos de design e tipografia, mas também o estilo de ilustração, os gêneros textuais e a divisão de editoriais. Ou seja, a forma em um veículo é tudo que se faz para que as informações sejam vistas pelos leitores através do seu conjunto de normas editoriais.

Neste sentido, as dimensões formais e informacionais do texto se relacionam com o saber de narração do jornalista através dos recursos utilizados para a construção do conteúdo jornalístico gerando uma conexão com a área do Design da Informação na construção das reportagens. Lopes e Peres (2019), afirmam que:

“É plausível dizer que o jornalismo e o design partilham objetivos comuns, e que as duas áreas vêm sendo impactadas diretamente pelo rápido movimento tecnológico. Deste modo, é igualmente plausível declarar que a aproximação entre essas áreas e o constante diálogo entre os profissionais do design e do jornalismo têm grande potencial de melhorar o modo como a mensagem é apresentada, como chega a quem a recebe e como é (ou não) compreendida.” (LOPES & PERES, 2019 p. 1105).

Compreender o Design da Informação é fundamental para tal discussão, assim, entende-se que o Design da Informação, que tem origem no Design Gráfico, objetiva organizar e apresentar dados transformando-os em informações com sentido e valor estando presente em sistemas de comunicação tanto analógicos quanto digitais (SHEDROFF, 2000; BONSIPE, 2011). Para Herrera (2013), o Design da Informação é a arte de organizar, selecionar, otimizar e transformar dados complexos em informação mais fácil, útil e efetiva com a intenção de satisfazer as necessidades e objetivos dos usuários de acordo com um contexto. A visão de Pettersson (2014) complementa o conceito de Herrera (2013) quando o autor afirma que o Design da Informação existe para satisfazer as necessidades dos destinatários e:

“Compreende análise, planejamento, apresentação e compreensão de uma mensagem - seu conteúdo, linguagem e forma. Independentemente do meio selecionado, um material de informação bem projetado irá satisfazer os requisitos estéticos, econômicos, ergonômicos e também do assunto.” (PETTERSSON, 2014 p. 2)

Parte-se do pressuposto que o Design da Informação se dá pelo processamento de uma matéria prima a fim de chegar a um resultado o que abrange layout, tipografia, cor e relação entre palavras e imagens, mas não só isso. A maneira que as informações são apresentadas na página ou na tela faz parte de um processo maior de design, que ultrapassa a questão estética e se relaciona diretamente com as perguntas e respostas feitas no planejamento da comunicação (REDISH, 2000). Nas mensagens produzidas, os textos e

as imagens têm de ser visíveis, legíveis e valerem a pena serem lidas pelo usuário (PETTERSSON, 2002). Além disso, o autor complementa que a mensagem deve ser cuidadosamente desenvolvida e transmitida pelo remetente ou provedor de informações e, então, corretamente interpretada e compreendida pelo receptor ou intérprete.

Assim, tanto jornalistas quanto designers precisam conhecer as potencialidades e as características da linguagem visual gráfica de forma a usarem seus recursos narrativos nas reportagens. Tais recursos, que tem origem na linguagem gráfica serão mostrados no item a seguir.

LINGUAGEM GRÁFICA NA REPORTAGEM

Segundo Noblat (2002), os recursos visuais nas publicações jornalísticas devem estar em primeiro lugar a serviço da informação e em segundo lugar devem tornar as páginas mais atraentes para o leitor. Segundo o autor, o texto corrido por ser substituído por gráficos ou infográficos de acordo com cada história.

As mensagens visuais com as quais os usuários têm contato, como as reportagens jornalísticas por exemplo, são feitas a partir da linguagem visual e são consideradas representações gráficas. Segundo Horn (1999), a linguagem visual é o casamento perfeito entre palavras, imagens e formas em uma comunicação única. Para Engelhardt (2002), a representação gráfica é um artefato visível em uma superfície plana que foi criado para expressar informações sendo este uma forma de linguagem visual. O autor defende ainda que uma representação gráfica é individual e abrange a tradução de apenas uma informação específica.

Mas como o jornalista vai saber qual a melhor representação gráfica para cada conteúdo informativo da reportagem? No Design da Informação, com as chamadas de forma de representação, busca-se responder às perguntas que são mais relevantes para o público: o que, quem, onde, como, quando e por que, também presentes no *lead* jornalístico. Nesse sentido, os trabalhos de Engelhardt (2002) e de Roam (2008) são fundamentais pois apontam caminhos para a decisão de cada representação de acordo com as informações.

Roam (2008) propõe um método chamado de regra <6><6>. Para o autor, existem seis estruturas de apresentação básicas e a partir da aplicação destas seis em situações específicas é possível criar a representação visual adequada para cada questão

informacional. Os diversos tipos de imagens, gráficos, quadros, tabelas e mapas seriam derivados destes. A partir das questões iniciais (Quem/o quê?; Quanto?; Onde?; Quando?; Como?; e Por quê?) o autor propõe elementos visuais adequados para cada informação/resposta, conforme tabela 1 abaixo.

Tabela 1: A regra <6><6>.

Questão	Tipo de representação	Elemento gráfico indicado
Quem/O quê?	Representação qualitativa	Retrato ou figura
Quanto?	Representação quantitativa	Gráfico estatístico
Onde?	Posição no espaço	Mapa
Quando?	Posição no tempo	Linha do tempo
Como?	Causa + efeito	Fluxograma
Por quê?	Dedução + predição	Gráfico de múltiplas Variáveis


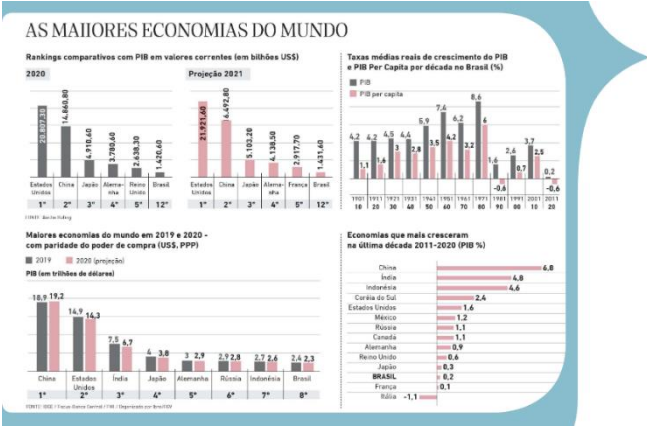
Fonte: Adaptado de Roam (2013).

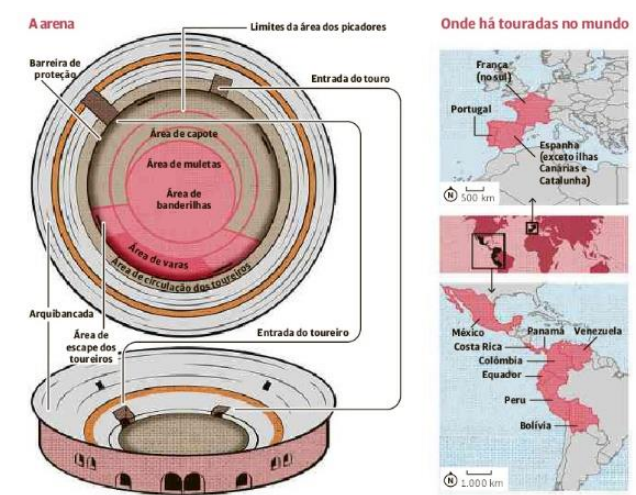
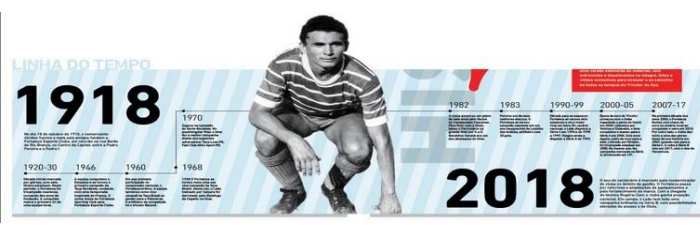
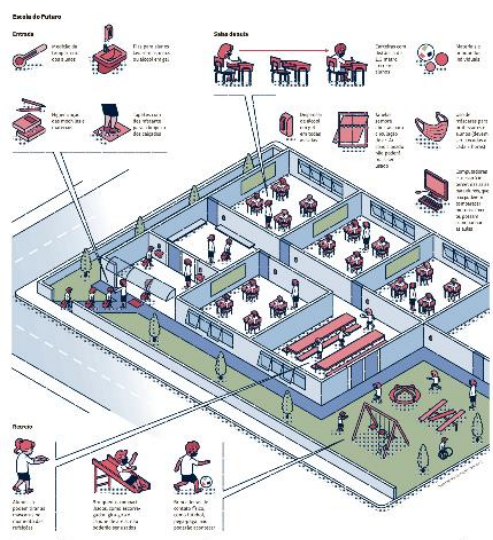
Engelhardt (2002), propõe tipos primários de representação gráfica para as informações. São mapas, figuras, gráficos, diagramas, tabelas, símbolos e texto escrito que demonstram de forma mais explícita as informações que se deseja transmitir: (a) mapa: disposição física em superfície geográfica, (b) figura: representação gráfica de objetos físicos, (c) gráfico estatístico: apresentação e comparação de quantidades, (d) gráfico de tempo: estrutura para registro de passagem de tempo, (e) diagrama de ligação: representação de associações e ligações, (f) diagrama de agrupamento: categorização de conceitos, (g) tabela: combinação simultânea, (h) símbolo: representação de objetos simples ou compostos e (i) texto escrito: elementos tipográficos. A partir destes podem surgir tipos híbridos como mapas estatísticos, mapas de percurso, diagrama cronológico e mapa estatístico de percurso, por exemplo.

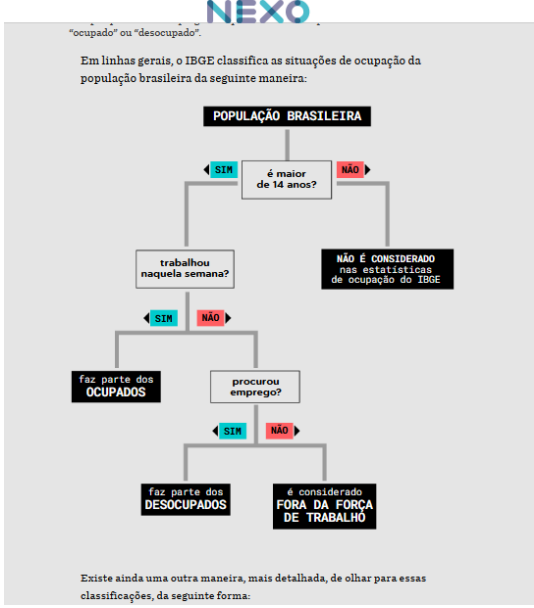
Como forma de demonstrar a utilização das categorias propostas pelos autores acima e trazer aplicações práticas dos conceitos no contexto do jornalismo, foram coletados exemplos de representações visuais em reportagens especiais, assim denominadas pelos veículos, publicadas em três jornais brasileiros. A Folha de São Paulo (São Paulo – SP), representando um veículo impresso de circulação nacional com redação integrada, O Jornal O Povo (Fortaleza – CE) representando um veículo impresso de

circulação local, e o Nexo Jornal, representante de um veículo nativo digital. Os exemplos foram coletados em reportagens de edições impressas e em reportagens multimídia veiculadas nos últimos 5 anos (2017-2021).

Tabela 2: Aplicações da regra <6><6> em reportagens jornalísticas segundo Roam (2008).

Questão	Elemento Gráfico	Fonte
<p>Quem/ O que?</p>	 <p>Realização de testes: os dados cruciais para agir</p>	<p>Nexo Jornal. <i>500 mil mortos na pandemia: por que poderia ser diferente</i>. De 19 de junho de 2021. Disponível em: https://bityli.com/DSDFR</p>
<p>Quanto?</p>	 <p>AS MAIORES ECONOMIAS DO MUNDO</p> <p>Rankings comparativos com PIB em valores correntes (em bilhões US\$)</p> <p>2020</p> <p>Projeção 2021</p> <p>Taxas médias reais de crescimento do PIB e PIB Per Capita por década no Brasil (%)</p> <p>Maiores economias do mundo em 2019 e 2020 - com paridade do poder de compra (US\$, PPP)</p> <p>Economias que mais cresceram na última década 2011-2020 (PIB %)</p>	<p>Jornal O Povo. <i>Brasil deixa top 10 das economias mundiais</i>. De 14 de abril de 2021. Disponível em: https://bityli.com/kHVul</p>


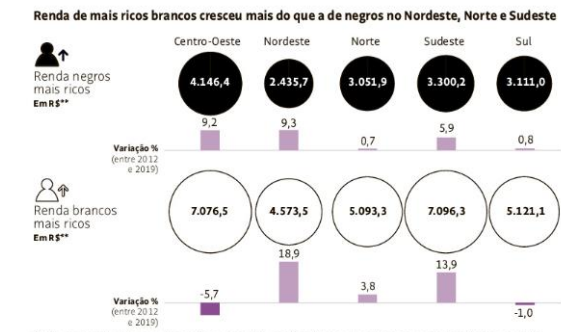
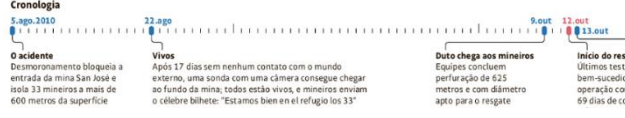
<p>Onde?</p>	 <p>A arena</p> <p>Barreira de proteção, Área de capote, Área de muletas, Área de banderilhas, Área de varas, Área de circulação dos toureiros, Arribancada, Área de escape dos toureiros, Limites da área dos picadores, Entrada do touro, Entrada do toureiro.</p> <p>Onde há touradas no mundo</p> <p>França (nosil), Portugal, Espanha (exceto ilhas Canárias e Catalunha), México, Panamá, Venezuela, Costa Rica, Colômbia, Equador, Peru, Bolívia.</p>	<p>Folha de São Paulo. <i>Pausa na tourada na Espanha gera ameaça ambiental</i>, diz setor. 18 de abril de 2021. Disponível em: https://bityli.com/NEncD.</p>
<p>Quando?</p>	 <p>1918 - 1970 - 1982 - 1983 - 1990-99 - 2000-05 - 2007-17</p> <p>2018</p>	<p>Jornal O Povo. <i>Fortaleza. 100 anos de lealdade</i>. De 18 de outubro de 2018. Disponível em: https://bityli.com/IOG9m</p>
<p>Como?</p>	 <p>Escolas repensam formato para retomar aulas</p> <p>Como</p> <p>Sala de aula</p> <p>Plano</p>	<p>Folha de São Paulo. <i>Escolas repensam formato para retomar aulas</i>. 14 de junho de 2020. Disponível em: https://bityli.com/TM1pX</p>

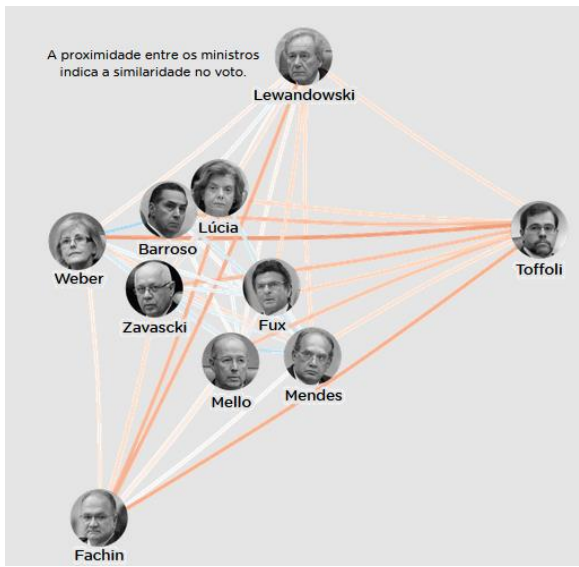
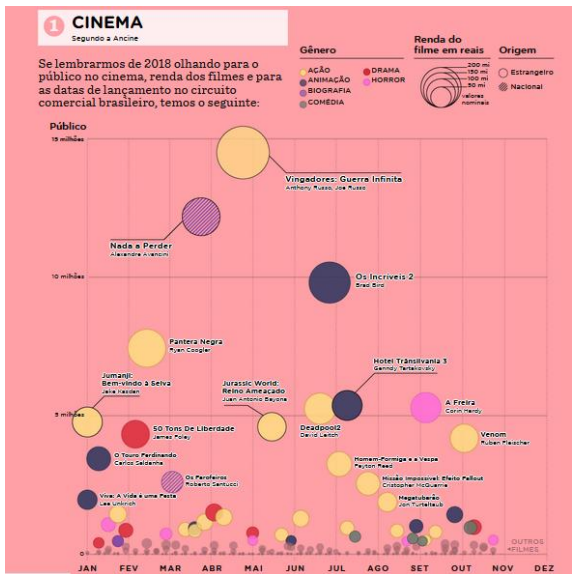
<p>Porque?</p>		<p>Nexo Jornal. A crise do Emprego no Brasil. De 18 de março de 2019. Disponível em: https://bitly.com/ZyymD</p>
----------------	---	--



Fonte: A autora, 2021.

Tabela 3: Aplicações dos tipos primários de representação em reportagens jornalísticas segundo Engelhardt (2002).

Representação	Elemento Gráfico	Fonte
<p>Mapa</p>		<p>Nexo Jornal. <i>Quem foi Tia Ciata, figura central no nascimento do samba.</i> 30 de outubro de 2019. Disponível em: https://bitly.com/0iPfj</p>

<p>Figura</p>		<p>Nexo Jornal. <i>As plantas lembram, veem, se movem e se comunicam.</i> De 19 de agosto de 2019. Disponível em: https://bityli.com/V3n1c.</p>																														
<p>Gráfico estatístico</p>	<p>Renda de mais ricos brancos cresceu mais do que a de negros no Nordeste, Norte e Sudeste</p>  <table border="1"> <thead> <tr> <th>Região</th> <th>Renda negros mais ricos Em R\$**</th> <th>Variação % (entre 2012 e 2019)</th> <th>Renda brancos mais ricos Em R\$**</th> <th>Variação % (entre 2012 e 2019)</th> </tr> </thead> <tbody> <tr> <td>Centro-Oeste</td> <td>4.146,4</td> <td>9,2</td> <td>7.076,5</td> <td>-5,7</td> </tr> <tr> <td>Nordeste</td> <td>2.435,7</td> <td>9,3</td> <td>4.573,5</td> <td>18,9</td> </tr> <tr> <td>Norte</td> <td>3.051,9</td> <td>0,7</td> <td>5.093,3</td> <td>3,8</td> </tr> <tr> <td>Sudeste</td> <td>3.300,2</td> <td>5,9</td> <td>7.096,3</td> <td>13,9</td> </tr> <tr> <td>Sul</td> <td>3.111,0</td> <td>0,8</td> <td>5.121,1</td> <td>-1,0</td> </tr> </tbody> </table> <p><small>* O IQR renda reflete a distância entre a fatia de negros entre os 10% mais ricos e sua participação na população (ambos os recortes consideram a população de 30 anos ou mais). Como o objetivo do índice é medir a disparidade entre brancos e negros - grupo que reúne pretos e pardos - os demais grupos raciais foram excluídos da base populacional usada. No caso dos estados, os dados se referem a uma média móvel de três anos (2019 e último ano da série atual). O conceito de renda inclui salários e outros rendimentos ** O valor equivale à renda que separa os 10% mais ricos dos demais 90% da população de 30 anos ou mais. Fonte: Sistema de Contas Regionais e PNAO. Continua Anual, ambos do IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística).</small></p>	Região	Renda negros mais ricos Em R\$**	Variação % (entre 2012 e 2019)	Renda brancos mais ricos Em R\$**	Variação % (entre 2012 e 2019)	Centro-Oeste	4.146,4	9,2	7.076,5	-5,7	Nordeste	2.435,7	9,3	4.573,5	18,9	Norte	3.051,9	0,7	5.093,3	3,8	Sudeste	3.300,2	5,9	7.096,3	13,9	Sul	3.111,0	0,8	5.121,1	-1,0	<p>Folha de São Paulo. <i>A cor da desigualdade no Brasil.</i> De 04 de julho de 2021. Disponível em: https://bityli.com/mBFro</p>
Região	Renda negros mais ricos Em R\$**	Variação % (entre 2012 e 2019)	Renda brancos mais ricos Em R\$**	Variação % (entre 2012 e 2019)																												
Centro-Oeste	4.146,4	9,2	7.076,5	-5,7																												
Nordeste	2.435,7	9,3	4.573,5	18,9																												
Norte	3.051,9	0,7	5.093,3	3,8																												
Sudeste	3.300,2	5,9	7.096,3	13,9																												
Sul	3.111,0	0,8	5.121,1	-1,0																												
<p>Linha do tempo</p>	<p>Cronologia</p>  <ul style="list-style-type: none"> 5 ago. 2020 O acidente: Desmoronamento bloqueia a entrada da mina San José e isola 33 mineiros a mais de 600 metros da superfície 22 ago Vivos: Após 17 dias sem nenhum contato com o mundo externo, uma sonda com uma câmera consegue chegar ao fundo da mina, todos estão vivos, e mineiros enviam o vídeo: "Está como en el refugio los 33" 9 out Dato chega aos mineiros: Equipes concluem perfuração de 625 metros e com diâmetro apto para o resgate 12 out Início do resgate: Últimos teste bem-sucedido operação com 69 dias de co 	<p>Folha de São Paulo. <i>Angústias habitam mineiros chilenos 10 anos após o resgate.</i> De 11 de outubro de 2020. Disponível em: https://bityli.com/zDXiT.</p>																														

<p>Diagrama de ligação</p>	 <p>A proximidade entre os ministros indica a similaridade no voto.</p>	<p>Nexo Jornal. <i>Qual é o grau de discordância e concordância entre os ministros do Supremo.</i> De 21 de março de 2017. Disponível em: https://bitly.com/5WxVm.</p>																				
<p>Diagrama de Agrupamento</p>	 <p>1 CINEMA Segundo a Ancine</p> <p>Se lembrarmos de 2018 olhando para o público no cinema, renda dos filmes e para as datas de lançamento no circuito comercial brasileiro, temos o seguinte:</p> <p>Gênero ● AÇÃO ● ANIMAÇÃO ● BIÓGRAFIA ● COMÉDIA ● DRAMA ● HORROR</p> <p>Renda do filme em reais ● 200 mil ● 100 mil ● 50 mil ● 20 mil ● 10 mil ● 5 mil ● 2 mil</p> <p>Origem ○ Estrangeiro ● Nacional</p>	<p>Nexo Jornal. <i>Como foi 2018 em gráficos.</i> De 18 de dezembro de 2018. Disponível em: https://bitly.com/3ckGy</p>																				
<p>Tabela</p>	<p>números ALGODÃO NO CEARÁ - ÁREA, PRODUÇÃO E VALOR</p> <table border="1"> <thead> <tr> <th></th> <th>2019</th> <th>2020 (OUTUBRO)</th> <th>2020/2019</th> <th>TAXA MÉDIA AN (2010-2020) %</th> </tr> </thead> <tbody> <tr> <td>Algodão (ha)</td> <td>2.919</td> <td>3.237</td> <td>10,9</td> <td>4,1</td> </tr> <tr> <td>Algodão (t)</td> <td>3.751</td> <td>5.475</td> <td>46</td> <td>4,3</td> </tr> <tr> <td>Algodão (R\$ 1mil)</td> <td>7.230</td> <td>11.597</td> <td>60,4</td> <td>17,3</td> </tr> </tbody> </table> <p>FONTE: IB</p>		2019	2020 (OUTUBRO)	2020/2019	TAXA MÉDIA AN (2010-2020) %	Algodão (ha)	2.919	3.237	10,9	4,1	Algodão (t)	3.751	5.475	46	4,3	Algodão (R\$ 1mil)	7.230	11.597	60,4	17,3	<p>Jornal O Povo. <i>Raio X do agronegócio no Ceará.</i> De 11 de dezembro de 2020. Disponível em: https://bitly.com/QXyBm.</p>
	2019	2020 (OUTUBRO)	2020/2019	TAXA MÉDIA AN (2010-2020) %																		
Algodão (ha)	2.919	3.237	10,9	4,1																		
Algodão (t)	3.751	5.475	46	4,3																		
Algodão (R\$ 1mil)	7.230	11.597	60,4	17,3																		

<p>Símbolo</p>		<p>Nexo Jornal. <i>10 momentos dos 10 anos do Instagram</i>. De 06 de outubro de 2020. Disponível em: https://bityli.com/1E181.</p>
<p>Texto Escrito</p>		<p>Jornal O Povo. <i>Nosso Papel é arte</i>. De 26 de junho de 2021. Disponível em: https://bityli.com/1Ojwi.</p>

Fonte: A autora, 2021.

A partir das representações gráficas coletadas, é possível tecer considerações sobre o uso destes recursos para a narrativa das reportagens. A reportagem, como um lugar de maior tempo e espaço para a inovação nos textos, apresenta grande variedade de recursos de linguagem visual, tanto com palavras como com imagens e gráficos. Já no âmbito das temáticas e pautas presentes nas reportagens, nota-se uma grande variedade de assuntos tais como: ciência, política, cultura, economia e esporte, por exemplo, demonstrando que a linguagem gráfica visual pode ser usada em diversos tipos de conteúdo editorial.

Também é possível inferir que os elementos gráficos presentes nas reportagens são adequados para uso tanto em meios impressos quanto digitais, guardando as características de cada um. Percebe-se a adequação ao meio impresso nos itens Onde? (tabela 2) e Linha do Tempo (tabela 3) quando é explorada a horizontalidade proporcionada pela página dupla do jornal. Já no item Figura da tabela 3, a ilustração que aparece faz parte de uma animação curta que mostra o fechamento da folha ao toque no formato GIF (Graphics Interchange Format) demonstrando uma adequação deste estilo de imagem ao meio digital.

Assim, percebe-se que o uso dos recursos gráficos oriundos da linguagem visual, torna os conteúdos das reportagens mais diversos visualmente e em termos de narrativa por apresentar maior variedade de estratégias para a exposição do assunto. Os elementos visuais, para além de chamarem atenção e proporcionarem maior retenção do leitor à página, também oferecem outras camadas de aprofundamento da história contada pelo repórter por usarem outros modos de representação além do verbal.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nesse artigo, mostrou-se como a linguagem gráfica pode ser usada no contexto da reportagem de forma a gerar variedade nas estratégias de narrativa para os acontecimentos. Com base em referencial teórico do Jornalismo e do Design da Informação, traçou-se um paralelo sobre as visões de cada área para as noções de forma e conteúdo além de trazer as abordagens sobre o uso dos recursos visuais.

Partindo das perguntas iniciais da organização do texto jornalístico (Quem/o quê?; Quanto?; Onde?; Quando?; Como?; e Por quê?), bem como da ideia de que os recursos gráficos devem estar em primeiro lugar a serviço a informação, foram coletadas representações gráficas em reportagens de dois veículos impressos e de um veículo digital que respondam a pergunta: qual forma gráfica usar para representar cada informação?

Acredita-se que estudos como os apresentados aqui contribuem para o campo do Jornalismo quando promovem a interseção com outra área do saber, o Design da Informação, incentivando os jornalistas a incrementarem seus repertórios narrativos na busca por trazer informações relevantes, pertinentes, compreensíveis e visualmente agradáveis para os leitores das reportagens.

REFERÊNCIAS

- ANDERSON, C. W.; BELL, E.; SHIRKY, C. Jornalismo Pós-Industrial. **Revista de Jornalismo ESPM**, n. abril/maio/junho, p. 30–89, 2013.
- BARNHURST, K. Are Graphic Designers Killing Newspapers? **Revista Latina de Comunicación Social**, v. 05, n. 48–62, p. 10, 1998.
- BARNHURST, K. G.; NERONE, J. **The Form of News: a history**. [s.l.] The Guilford Press, 2001.
- BONSIEPE, G. **Design, cultura e sociedade**. São Paulo: Blucher, 2011.
- DEUZE, M.; WITSCHGE, T. Além do Jornalismo. **Leituras do Jornalismo**, v. 02, p. 1–31, 2015.
- ENGELHARDT, V. **The language of graphics**. [s.l.] Universiteit van Amsterdam, 2002.
- FLUSSER, V. **O mundo codificado: por uma filosofia od design e da comunicação**. [s.l.] Cosac Naify, 2007.
- FRASCARA, J. **Communication design: Principles, Methods and Practices**. New York: Allworth Press, 2004.
- HERRERA, M. J. **Toward a definition of information design**. IEEE International Professional Communication Conference. **Anais...2013**
- HORN, R. Information Design: Emergence of a New Profession. In: **Information design**. [s.l.] MIT Press, 1999.
- LOPES, R.; PERES, P. **DESIGN DE NOTÍCIA | uma experiência didática na graduação em jornalismo**. 9º Congresso Internacional de Design da Informação. **Anais...2019**
- MARQUES DE MELO, J. **Jornalismo: compreensão e reinvenções**. São Paulo: Vozes, 2009.
- OLIVEIRA, L.; SEIXAS, L. **A reportagem enquanto gênero jornalístico**. XXXXIV Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação. **Anais...Recife: 2011**
- PETTERSSON, R. **Information Design. An Introduction**. [s.l.] John Benjamins Publishing Company, 2002.
- PETTERSSON, R. Information Design Theories. **Journal of Visual Literacy**, v. 33, n. 1, p. 1–96, 2014.
- REDISH, J. C. What is information design? **Technical Communication**, v. 47, n. 2, p. 163–166, 2000.
- ROAM, D. **The back of the napkin**. [s.l.] Penguin Books, 2008.
- SÁNCHEZ, J. F.; LÓPEZ-PAN, F. Tipologías de géneros periodísticos en España. Hacia un nuevo paradigma. In: **Comunicación y Estudios Universitarios**. [s.l.: s.n.]. p. 15–35.

SANTOS, Y. M. **Jornalismo visual nas narrativas da grande reportagem brasileira.** [s.l.]
Universidade Federal de Pernambuco, 2020.

SOUZA, E. A. et al. Alternativas epistemológicas para o design da informação: a forma enquanto conteúdo. **InfoDesign Revista Brasileira de Design da Informação**, v. 13, n. 2, p. 107–118, 2016.

TRAQUINA, N. **Teorias do Jornalismo. A tribo jornalística - uma comunidade interpretativa transnacional**, 2005.